

O Maracatu Cearense e sua história



Há pouca documentação sobre a história do maracatu antes da década de 50. Os primeiros registros confiáveis de maracatu em **Fortaleza** datam do início do século XX, quando **Gustavo Barroso** descreve, em "**Coração de menino**", os desfiles que ocorriam na **Praça do Carmo** (então **Praça do Livramento**).



Maracatu Leão Coroado. Foto: Arquivo Nirez

O Maracatu está relacionado à chegada dos africanos em **Portugal** no fim da idade média. Ao entrar em contato com a religião católica, os africanos fizeram associações entre os santos católicos e as divindades africanas. Uma delas foi a de **Nossa Senhora do Rosário**. A imagem da Santa tem, ao redor do pescoço, um colar de rosas (rosário), similar ao colar de Ifá (orixá que previa o futuro). Assim, os escravos que chegaram à **Europa** no Séc. XV passaram a ser devotos de Nossa Senhora do Rosário. Com isso foi criada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.



Mesmo escravos, os negros construíam igrejas em homenagem à Santa onde se estabeleciam. Uma vez por ano, no dia 7 de outubro, dia de Nossa Senhora do Rosário, os escravos tinham folga. Nesse dia, faziam o ritual de coroação do rei e da rainha da irmandade.



Maracatu Estrela Brilhante em 1953

Segundo relatos de personagens ilustres de nossa terra, o maracatu cearense já se mostrava presente desde meados do século XIX sendo o mesmo conhecido por “**congadas** ou pelo auto dos reis de Congo” que retratavam os combates entre o **Congo** e **Angola** e que daria origem não só ao maracatu mas também a outras expressões culturais afro-descendentes como o **reisado**, **caboclinhos** e os **pastoris**.



Maracatu Estrela Brilhante em 1953

Em Fortaleza a **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos** (1871), responsável pela construção do templo católico mais antigo de nossa capital homenageando santa de mesmo nome, foi a principal difusora desta tradição cultural que se realizava geralmente ao termino das cerimônias religiosas e culminavam com a coroação do rei e rainha negra. Esta mesma irmandade sociabilizava o escravo forro ou cativo a sociedade fortalezense da época e possibilitava aos mesmos; auxílio funeral, pensões a viúvas e a possibilidade de lazer nas horas vagas, sobre tudo, aos domingos e dias santos com o devido consentimento de seus senhores “no caso de escravos cativos”.



Maracatu Az de Ouro em 1958 na Praça do Ferreira - Nirez

O ponto culminante das congadas era a coroação do rei e da rainha negra que vinham acompanhados pelo seu séquito real composto por negros trajando cores bufantes dos mais variados tecidos e representando personagens da corte portuguesa. Em geral tais roupas eram usadas e doadas a irmandade para que pudessem ser realizadas as encenações como vestidos de noivas amplamente usados para caracterizarem as princesas e rainhas. Em determinadas épocas do ano a irmandade era contratada por senhores de engenho ou pessoas abastadas para apresentar seus autos, tais contribuições eram depositadas em um caixa controlado pelo tesoureiro sendo responsável o mesmo pelo controle dos bens da confraria que consistiam desde casas a terrenos espalhados pela cidade.



Maracatu Az de Ouro em 1958 no Centro de Fortaleza

Além da referida irmandade que teria sido o ponto original deste folguedo, em fins do século XIX o maracatu também fazia-se presente em diversos pontos da capital. Segundo o escritor **Gustavo Barroso**, havia por trás da **estação férrea João Felipe** o maracatu do **Morro do Moinho** que saía com seu cortejo real pelo centro em direção a **igreja do Rosário** onde fazia a coroação de seu rei e sua rainha.

“os últimos reis do Congo que houveram em Fortaleza, minha terra natal, foram o negro Firmino, ex-escravo de meu pai e a negra Aninha Gata. Esta conheci ai por volta de 1897 ou 1898, com pequena quitanda na antiga travessa das flores, entre as ruas **Major Facundo** e a da Boa Vista, hoje **Floriano Peixoto**. (BARROSO, 1962, P. 374)

Existiam também os maracatus da **rua de São Cosme** (atual **rua Pe. Mororó**), da **rua do outeiro** (antiga **Aldeota** - atual região do **Colégio Militar**), do **Beco da Apertada Hora** (atual **rua Governador Sampaio**), do **Manoel Furtado**, do **João Ribeiro** localizado ao fim da **rua Major Facundo** na altura da antiga **Praça do Livramento** (atual **Praça do Carmo**). Do negro **João Gorgulho** (grupo de folguedos africanos - 1910). Segundo **Otacílio de Azevedo** em seu livro: **Fortaleza Descalça**;

“**vestia-se com roupa de seda colorida, recheada de fitas e arabescos, minúsculas lantejoulas, vidrilhos e brilhantes pedrarias. Os valetes do rei João Gorgulho vestiam calças de cetim verde, justas ao corpo, coletes violetas, clâmide vermelha caindo sobre os ombros e espadas de papelão dourado. O trono, forrado de fofos de papel de seda salpicado de estrelas, tendo à guisa de cetro uma vara coberta de papel dourado, ficava sobre um tapete de palha de carnaúba colorida, a coroa, feita com folhas de flandres, se apresentava pintada com cores diversas**”.



Maracatu Estrela Brilhante em 1953

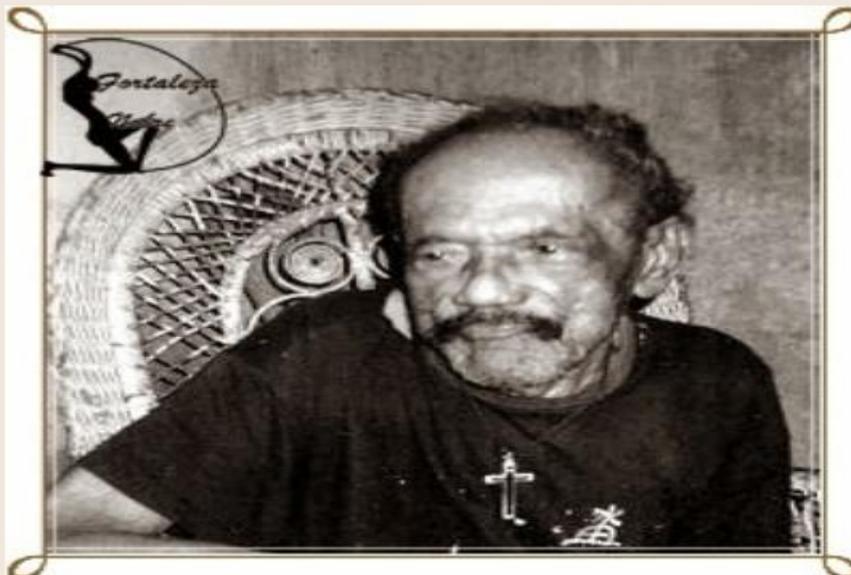
O maracatu cearense difere do pernambucano pois o timbre de seus acordes são mais lentos e cadenciados sendo o batuque composto por caixas sem esteiras visando acentuar a batida grave, bumbos, surdos, ganzás, chocalhos e triângulos aqui chamados “ferros” responsáveis pela cadência ou ritmo característico do cortejo. As loas ou “músicas do maracatu” sempre relatam fatos ou acontecimentos históricos ligados à cultura afro regionais ou nacionais constituindo as mesmas no chamado enredo do maracatu. Seus brincantes ou “**maracatuqueiros**” apresentam seus rostos pintados com uma mistura de fuligem, óleo infantil, talco e vaselina em pasta que dão o tom ao

chamado “falso negrume” expressão difundida pelo pesquisador cearense **Gilmar de Carvalho**. O macumbeiro(a) ou tirado(a) de loas puxa o enredo sendo o mesmo respondido pelo cordão de negras que impulsiona todo o cortejo a imitá-las. Geralmente tais “**tiradores de loas**” trajam roupas femininas semelhantes as de negrinhas ou “**mucamas**” reais podendo os mesmos virem trajando branco com suas guias ou amuletos.



Maracatu Az de Ouro em 1950 - Arquivo Nirez

O maracatu chegou oficialmente ao **carnaval de rua fortalezense** por volta de 1937 através de convite feito pelo famoso rei momo **Ponce de Leon** ao compositor e carnavalesco **Raimundo Alves Feitosa** conhecido também como **Raimundo Boca Aberta**, fundador do **Maracatu Az de Ouro** (o mais antigo em atividade). Em meados de 1950 seriam fundadas agremiações de imenso peso histórico como: **Estrela Brilhante**, **Az de Espadas** e **Leão Coroado**. Outros grupos já extintos deixaram saudade como: **Rancho Alegre**, **Nação Africana**, **Rei de Espadas**, **Rei dos Palmares**, **Nação Uirapuru**, **Nação Gengibre**, **Nação Verdes Mares** e **Rancho de Iracema**.



Raimundo Alves Feitosa

Maracatu cearense nasceu no século XIX, como uma festa dos negros

Até a década de 1960, mulheres não participavam do cortejo, hoje tradição na Avenida Domingos Olímpio, em Fortaleza. Com o tempo, a presença feminina ganhou força

A batida cadenciada dos tambores. O brilho nos olhos dos passistas. As roupas que encantam pela beleza. Essas são algumas características do maracatu cearense, que entra na avenida mostrando sua tradição no Carnaval.

A história revela a presença do maracatu ainda no final do século XIX. Segundo a pesquisadora Danielle Maia, a década de 1930 no estado conheceu o ainda existente Maracatu Az de Ouro. No final do século XIX já constam a existência de maracatus no Ceará. Estado vizinho, Pernambuco guarda mais história. Segundo Danielle, os maracatus pernambucanos são bem mais antigos e contam com grupos seculares.

A pesquisadora explica que, apesar de não contar com uma definição correta, a palavra 'maracatu' pode ter origem de duas outras palavras decorrentes dos sons que eram produzidos pelos maracás e 'catu', que significa 'bonito', como se fosse uma batida bonita, a batida dos maracás, um som bonito.

Existem outras possibilidades que alguns memorialistas e historiadores colocam de que o maracatu era uma senha utilizada na época, quando havia uma reunião de negros, para anunciar que estava chegando a polícia ou alguém que pudesse atrapalhar a festa.

O também tradicional Maracatu Rei de Paus iniciou suas atividades em 1954, no bairro Joaquim Távora, em Fortaleza. A batida marcante, o rosto pintado de preto, a rainha ainda representada por um homem. Segundo seu presidente, José Francisco, o grupo tenta preservar suas origens. "Temos como intuito tentar preservar os resquícios do maracatu no formato que era quando o Maracatu Rei de Paus começou".

Ao longo do tempo, algumas mudanças aconteceram tanto na sonoridade, que na década de 1930 era mais lenta (e depois, nos anos 80, alguns grupos romperam com essa tradição da batida solene, introduzindo novos instrumentos e acelerando o maracatu).

As roupas ganharam mais volume e brilho. Até a década de 1960, a mulher não participava do cortejo. Com o passar do tempo, a presença feminina ganhou força.

10 curiosidades sobre o Maracatu cearense

Saiba mais sobre a festa tradicional de Fortaleza que é inspirada nos escravos

1. O início:

O Maracatu Cearense chegou a Fortaleza em 1936 como uma dança dramática de origem afrodescendente.

2. Histórico:

Oficialmente os Maracatus foram incluídos no carnaval de Fortaleza em 1937, como agremiação carnavalesca.

3. Ritmo cadenciado:

A música é uma das principais características com uma batida mais lenta e ritmo cadenciado.

4. Percussão:

O grupo de percussão conta com caixas, utilizadas sem esteira para acentuar a batida grave;

5. Instrumentos:

Os ferros (surdos, bumbos, ganzás, chocalhos e triângulos) são confeccionados com molas de transporte pesado, conferindo um timbre e sonoridade acentuada.

6. Rostos pintados:

Nos desfiles, os brincantes possuem os rostos pintados de preto.

7. Homenagem:

O Maracatu Cearense foi criado para homenagear os escravos negros oriundos da África, por isso os rostos pintados de preto.

8. O cortejo:

Formado por baliza, porta-estandarte, índios brasileiros e nativos africanos, negras e baianas, negra da calunga, negra do incenso, balaieiro, casal de pretos velhos, pajens, tiradores de loas e batuqueiros, o cortejo é feito em reverência a uma rainha negra e sua corte real.

9. Agremiações em atividade:

Em 2014, 13 agremiações irão desfilar na avenida Domingos Olímpio: Az de Ouro (1936), Rei de Paus (fundado em 1960, como Ás de Paus), Vozes da África (1980), Nação Baobab (1995), Maracatu Solar (2001), Maracatu Rei Zumbi (2001), Nação Iracema (2002), Maracatu Kizomba (2003), Nação Fortaleza (2004), Maracatu Nação Axé de Oxossi (2007), Maracatu Nação Pici, Maracatu Filhos de Yemanjá e Maracatu Reis de Congo.

10. Exposição:

Está em cartaz no Estoril (Praia de Iracema) a exposição “Maracatus no Ceará: Festa, Ritual e Memória” até o dia 10 de março. No acervo vídeos, fotos, fantasias e adereços raros. Entre os colaboradores estão Calé Alencar, Pingo de Fortaleza, Descartes Gadelha, Oswald Barroso e

Silas de Paula, que junto com a fotógrafa Iana Soares participam com uma fotografia da exposição “A face desnuda do maracatu, ou uma declaração de amor ao Zé Rainha”.

HISTÓRIA DO MARACATU CEARENSE

Segundo fontes históricas e relatos de personagens ilustres de nossa terra, o maracatu cearense já se mostrava presente desde meados do século XIX sendo o mesmo conhecido por “congadas ou pelo auto dos reis de Congo” que retratavam os combates entre o Congo e Angola e que daria origem não só ao maracatu mas também a outras expressões culturais afro-descendentes como o reisado, caboclinhos e os pastoris.

Em Fortaleza a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos (1871), responsável pela construção do templo católico mais antigo de nossa capital homenageando santa de mesmo nome, foi a principal difusora desta tradição cultural que se realizava geralmente ao término das cerimônias religiosas e culminavam com a coroação do rei e rainha negra. Esta mesma irmandade sociabilizava o escravo forro ou cativo a sociedade fortalezense da época e possibilitava aos mesmos; auxílio funeral, pensões a viúvas e a possibilidade de lazer nas horas vagas, sobre tudo, aos domingos e dias santos com o devido consentimento de seus senhores “no caso de escravos cativos”.

O ponto culminante das congadas era a coroação do rei e da rainha negra que vinham acompanhados pelo seu séquito real composto por negros trajando cores bufantes dos mais variados tecidos e representando personagens da corte portuguesa. Em geral tais roupas eram usadas e doadas a irmandade para que pudessem ser realizadas as encenações como vestidos de noivas amplamente usados para caracterizarem as princesas e rainhas.

Em determinadas épocas do ano a irmandade era contratada por senhores de engenho ou pessoas abastadas para apresentar seus autos, tais contribuições eram depositadas em um caixa controlado pelo tesoureiro sendo responsável o mesmo pelo controle dos bens da confraria que consistiam desde casas a terrenos espalhados pela cidade.

Além da referida irmandade que teria sido o ponto original deste folguedo, em fins do século XIX o maracatu também fazia-se presente em diversos pontos da capital. Segundo o escritor Gustavo Barroso, havia por trás da estação férrea João Felipe o maracatu do Morro do Moinho que saía com seu cortejo real pelo centro em direção a igreja do Rosário onde fazia a coroação de seu rei e sua rainha.

“os últimos reis do Congo que houveram em Fortaleza, minha terra natal, foram o negro Firmino, ex-escravo de meu pai e a negra Aninha Gata. Esta conheci ai por volta de 1897 ou 1898, com pequena quitanda na antiga travessa das flores, entre as ruas Major Facundo e a da Boa Vista, hoje Floriano Peixoto. (BARROSO, 1962, P. 374)

Existiam também os maracatus da rua de São Cosme (atual rua Pe. Mororó), da rua do outeiro (antiga Aldeota – atual região do Colégio Militar), do Beco da Apertada Hora (atual rua Governador Sampaio), do Manoel Furtado, do João Ribeiro localizado ao fim da rua Major Facundo na altura da antiga praça do livramento (atual praça do Carmo). Do negro João Gorgulho (grupo de folguedos africanos – 1910). Segundo Otacílio de Azevedo em seu livro: Fortaleza Descalça;

“vestia-se com roupagem de seda colorida, recheada de fitas e arabescos, minúsculas lantejoulas, vidrilhos e brilhantes pedrarias. Os valetes do rei João Gorgulho vestiam calças de cetim verde, justas ao corpo, coletes violetas, clâmide vermelha caindo sobre os ombros e espadas de papelão dourado. O trono, forrado de fofos de papel de seda salpicado de estrelas, tendo à guisa de cetro uma vara coberta de papel dourado, ficava sobre um tapete de palha de carnaúba colorida, a coroa, feita com folhas de flandres, se apresentava pintada com cores diversas”.

O maracatu cearense difere do pernambucano pois o timbre de seus acordes são mais lentos e cadenciados sendo o batuque composto por caixas sem esteiras visando acentuar a batida grave, bumbos, surdos, ganzás, chocalhos e triângulos aqui chamados “ferros” responsáveis pela cadência ou ritmo característico do cortejo. As loas ou “músicas do maracatu” sempre relatam fatos ou acontecimentos históricos ligados à cultura afro regionais ou nacionais constituindo as mesmas no chamado enredo do maracatu. Seus brincantes ou “maracatuqueiros” apresentam seus rostos pintados com uma mistura de fuligem, óleo infantil, talco e vaselina em pasta que dão o tom ao chamado “falso negrume” expressão difundida pelo pesquisador cearense Gilmar de Carvalho. O macumbeiro(a) ou tirado(a) de loas puxa o enredo sendo o mesmo respondido pelo cordão de negras que impulsiona todo o cortejo a imitá-las. Geralmente tais “tiradores de loas” trajam roupas femininas semelhantes as de negrinhas ou “mucamas” reais podendo os mesmos virem trajando branco com suas guias ou amuletos.

O maracatu chegou oficialmente ao carnaval de rua fortalezense por volta de 1937 através de convite feito pelo famoso rei momo Ponce de Leon ao compositor e carnavalesco Raimundo Alves Feitosa conhecido também como Raimundo Boca Aberta fundador do maracatu Az de Ouro (o mais antigo em atividade). Em meados de 1950 seriam fundadas agremiações de imenso peso histórico como: Estrela Brilhante, Az de Espadas, Leão Coroado. Outros grupos já extintos deixaram saudade como; Rancho Alegre, Nação Africana, Rei de Espadas, Rei dos Palmares, Nação Uirapuru, Nação Gengibre, Nação Verdes Mares e Rancho de Iracema.

O MARACATU CEARENSE

O Maracatu é a mais tradicional dança dramática de origem afro-brasileira presente na cultura do povo cearense, mostrando um ritmo dolente e compassado, configurando um cortejo formado por baliza, porta-estandarte, índios brasileiros e nativos africanos, negras e baianas, negra da calunga, negra do incenso, balaieiro, casal de pretos velhos, pajens, tiradores de loas, também chamados de macumbeiros, e batuqueiros, em reverência a uma rainha negra e sua corte real. No Ceará, o povo caboclo usa uma mistura de fuligem, talco, óleo e vaselina em pasta para tingir o rosto de negro, prática adotada por todos os brincantes, à exceção do cordão de índios.

O ritmo do maracatu cearense é apresentado por um grupo de percussão no qual incluem-se tradicionalmente caixas, utilizadas sem esteira para acentuar a batida grave, surdos, bumbos, ganzás, chocalhos e triângulos, também chamados de ferros, confeccionados com molas de transporte pesado, o que lhes confere um timbre característico e uma sonoridade acentuada, destacando-se dos demais instrumentos. A partir da década de 1990, alguns grupos incluíram outros instrumentos e novos estilos para marcar o batuque do maracatu cearense, tornando o cortejo carnavalesco mais rico e diversificado. O macumbeiro ou tirador de loas é quem canta as loas ou toadas, nas quais são geralmente enfocados temas ligados à cultura, à religião e à história da África e do Brasil.

Oriundo das coroações de Reis do Congo, acontecidas a partir do século XVIII nas igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos espalhadas por Fortaleza e cidades interioranas como Sobral, Icó, Aracati e Crato, os maracatus foram descritos pelo escritor Gustavo Barroso em seus desfiles pelas ruas da capital cearense ao final da década de 1880. Conforme registrado no livro *Idéias e Palavras*, existiam os maracatus do Morro do Moinho (Arraial Moura Brasil, por trás da Estação Central), do Beco da Apertada Hora (atual rua Governador Sampaio), da rua de São Cosme (atual rua Padre Mororó), do Outeiro (Aldeota antiga, atual região do Colégio Militar) e o do Manoel Furtado.

O maracatu chegou ao carnaval, desfilando oficialmente como agremiação carnavalesca, em 1937, através de um convite feito pelo então Rei Momo Ponce de Leon ao Maracatu Az de Ouro, fundado em 1936 por Raimundo Alves Feitosa, compositor e tirador de loas também conhecido como Raimundo Boca Aberta.

A partir da década de 1950 surgiram outros grupos como Estrela Brilhante, Az de Espada e Leão Coroado, agremiações de grande destaque nos desfiles carnavalescos, contribuindo com a riqueza de seus cortejos para a consolidação do maracatu como uma das mais importantes expressões artísticas e culturais do povo cearense.

A história do carnaval em Fortaleza registra um expressivo número de grupos, muitos deles extintos, como é o caso dos maracatus Rancho Alegre, Nação Africana, Rei de Espada, Rei dos Palmares, Nação Uirapuru, Nação Gengibre, Nação Verdes Mares e Rancho de Iracema.

Atualmente participam do carnaval de rua os maracatus Az de Ouro, Rei de Paus (fundado em 1960, com o nome de Ás de Paus), Vozes da África (fundado em 1980), Nação Baobab (fundado em 1994), Rei Zumbi (fundado em 2001), Nação Iracema (fundado em 2002), Kizomba (fundado em 2003), Nação Fortaleza (fundado em 2004), Axé de Oxóssi (fundado em 2005), Solar (fundado em 2006) e Rei do Congo (fundado em 2009).

MESTRE JUCA DO BALAIO



Mestre Juca do Balaio era alto, tinha porte, a barba grande e branca contrastando com o negrume do maracatu e os olhos claros. Equilibrava o balaio de frutas na cabeça em cima de uma rodilha e desfilava na elegância, sem o menor esforço aparente. “Ia quase levitando, tinha muita categoria. Na época, as frutas eram de verdade, não era plástico, pesava, mas Mestre Juca levava com muita destreza”, lembra o jornalista e pesquisador Paulo Tadeu, que começou a vê-lo desfilando na década de 70. “Ele conseguia evoluir, dançar e se requebrar com equilíbrio e tinha uma graça toda especial, uma dança que era marca registrada, aquilo era só dele”, descreve o cantor e compositor Calé Alencar, que conviveu com Mestre Juca por dez anos e desde sempre foi um admirador.

Nascido em Iguatu, em 1923, e criado no Crato, Joaquim Pessoa de Araújo encontrou o maracatu mais tarde, chegando na capital com a família – pais e sete irmãos -, depois de uma infância sertaneja de pastoril, reisado, cordéis e congos. “A vida inteira, de 1940 pra cá, vim sempre me movimentando com o maracatu”, disse numa conversa com a jornalista Eleuda de Carvalho, pouco antes do Carnaval derradeiro, já de cama, pajeado pela família e amigos no barracão do Az de Ouro, em meio ao fuxico dos últimos preparativos para o desfile.

Juca do Balaio foi índio e princesa em outros maracatus, mas no Az de Ouro se descobriu balaieiro, dos melhores, e fez história. Ganhou a reverência de

Mestre da Cultura Tradicional do Estado do Ceará em reconhecimento ao seu talento e à dedicação de uma vida ao maracatu. Em 1970, depois de muitos anos de instabilidade, Mestre Juca assumiu o Az de Ouro. O maracatu foi campeão de 1971 a 1976 e nunca mais deixou de desfilar. “O Az de Ouro só tinha nome, não tinha estrutura. Junto com amigos ele fez muitas festas, bingos, tinha um terreno onde fez a quadra, e o maracatu foi crescendo, muitos brincantes voltaram”, refaz Marcos Gomes, sobrinho de Mestre Juca e hoje vice-presidente do Az de Ouro.

Devotado ao Carnaval de rua, Mestre Juca tinha paciência, não perdia a tranquilidade nem com os recursos parcos e com os apoios institucionais que sempre chegam na última hora. Dono de dois restaurantes no Centro trabalhava para investir na sua paixão. “Dizia: ‘vamos fazer o que der’. Não ficava derrotado”, recorda Marcos. Paulo Tadeu, que presidiu o Az de Ouro depois de Mestre Juca, também lembra sua calma. “Eu dizia: ‘E agora? Está chegando o carnaval e não aparece brincante!’. Ele respondia: ‘Besteira, quando bate o tambor o brincante aparece. E aparecia mesmo!’”.

“Mestre Juca era mais de perseverar do que ficar remoendo. Teve lutas históricas pra trazer dignidade à Federação das Agremiações Carnavalescas do Ceará, da qual foi presidente em duas gestões. Era um homem da luta, tinha uma força gigantesca pra tocar as pessoas, tamanha a sua generosidade. Era um sujeito simples, morava no Jereissati, andava de ônibus, visitava os amigos”, conta Calé.

Em 1997, Paulo Tadeu acompanhou Mestre Juca numa viagem à França para o Festival des Floclors du Bray-Dunes. “Ele deu um show lá! Se apresentava de manhã, de tarde e de noite. Foi o apogeu!”. Na conversa com Eleuda, o próprio relembra com orgulho o episódio. “Foi uma coisa que nem eu entendo. Cheguei, nem sei dizer o horário, porque são cinco horas de diferença, mas estava se aproximando a noite. Quando chegamos no aeroporto de Paris e fomos pegar o ônibus - a apresentação era numa cidade perto - sem querer, botei o balaio na cabeça. Tinha uns jornalistas lá, eles tiraram muita foto. Quando foi no outro dia já, apareci com o balaio em jornal, capa de revista, foi aquele sucesso. Só se falava no Mestre Juca”.

O último carnaval foi o de 2006, justo o que prestava homenagem a ele. Aos 83 anos, Mestre Juca do Balaio - que um ano antes desfilara majestosamente, mesmo com o braço enfaixado - teve que assistir ao cortejo porque já estava fraco demais. Partiria um mês depois. “Ele viu todas as agremiações,

domingo, segunda e terça-feira. Queria estar dentro, mas a saúde não permitia. Em vez de desfilar, era o homenageado no desfile da Domingos Olímpio”, lembra Marcos Gomes. Naquela última entrevista publicada no O POVO no dia do desfile, deixou seu recado: “É de agradecimento a todos os brincantes, e pedir que eles mantenham firme o trabalho. O Brasil tem gosto com o balaio”. (*Mariana Toniatti*)

A Igreja do Rosário



A Igreja do Rosário foi feita à mão, pelos negros da Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos, em uma época em que havia separação de raças e classes sociais em templos religiosos, com donativos ofertados pelos fiéis, em 1730, e num local considerado afastado da vila, a atual Praça General Tibúrcio, mais conhecida como Praça dos Leões.

Era o espaço dos negros, até ser improvisada como matriz entre 1821 e 1854, enquanto se reconstruía a de São José. A Igreja do Rosário foi palco de missas, eleições e enterros. Em uma de suas paredes está sepultado o Major Facundo, de pé olhando para o Palácio da Luz.

No piso da igreja se concentrava o maior número de sepultamentos no século XIX, com sepulturas anônimas, sem lápide, sem identificação. A única sepultura individual identificada é a do Major. Como não havia cemitérios na época, os enterros eram feitos nas igrejas ou nas suas imediações. Após dois anos a sepultura era aberta e os ossos recolhidos em urnas que eram enterrados novamente.

A Igreja do Rosário, a mais antiga de Fortaleza, foi tombada pelo Patrimônio Histórico em 1986. Fica na Praça dos Leões, no centro.



*última missa realizada na Catedral Metropolitana (Igreja de São José). A imagem do padroeiro foi transferida para a Igreja do Rosário que passou a ser a Igreja Matriz.
(foto arquivo Nirez)*

Postado por Fátima Garcia às 20:18



Marcadores: centro da cidade, Fortaleza, igreja da sé, igreja do rosário, igreja são José, praça dos leões, praça general tiburcio